

O significado cultural das espécies botânicas entre indígenas de Pernambuco: o caso Xucuru

Valdeline Atanazio da Silva*
Laise de Holanda Cavalcanti Andrade

Av. Prof. Moraes Rego, s/n – Cidade Universitária
Departamento de Botânica – CEP 50670-901 – Recife – PE
(lhcandrade@hotmail.com)

*Autora para correspondência (valdeline@hotmail.com)

Aceito para publicação em 21/08/2003

Resumo

O Índice de Significado Cultural (ISC), criado no final dos anos 80, visa registrar o valor de cada espécie vegetal e revelar sua importância para a sobrevivência biológica e cultural de uma comunidade tradicional. Considerando que foi inicialmente proposto e aplicado em comunidades indígenas no Canadá e nos Estados Unidos, visou-se verificar sua aplicabilidade para grupos indígenas brasileiros, avaliando o significado cultural das espécies vegetais úteis para a tribo Xucuru, em Pesqueira (Lat 8° 21'30"S e Long 36° 41'45"), Pernambuco. A partir de entrevistas informais foram registradas 97 espécies úteis entre árvores, arbustos e ervas, originárias da mata Pedra D'Água (Serra do Ororobá-Floresta úmida), dos quintais e pequenas áreas de cultivo (roças), existentes na aldeia. O ISC ordenou numericamente as plantas levantadas na tribo Xucuru, de modo similar à ordenação de importância observada em campo e *Musa*

paradisiaca é a espécie de maior significado atual para a comunidade (ISC 120), seguida por *Rosmarinum officinalis* (ISC 92), *Xerophyta plicata* (ISC 88), *Aspidosperma* sp. (ISC 84) e *Cymbopogon citratus* (ISC 80). O lugar de destaque ocupado por espécies não nativas da região evidencia a importância que plantas exóticas adquiriram na cultura Xucuru.

Unitermos: etnobotânica, indígenas, significado cultural, etnobotânica quantitativa

Abstract

The Index of Cultural Significance (ICS) created at the end of the 1980's, aims to register the value of each vegetable species and to disclose its importance for the biological and cultural survival of a traditional community. Initially, the ISC was considered and applied in aboriginal communities in Canada and the United States. Aiming to verify its applicability for Brazilian aboriginal groups, it was used in the present work to evaluate the cultural meaning of the useful species for the Xucuru tribe, in pesqueira county, Pernambuco. In Brazil, it is the first time that this index has been used with a northeastern aboriginal community, the Xucuru, one of the seven tribes remaining in Pernambuco. From informal interviews, 97 useful species were registered among trees, shrubs and grass growing in the Pedra D'Água forest (Humid Ororobá-Forest), in yards, and in small cultivated areas in the village. The ISC provided a numeric order of importance for the plants registered in the Xucuru tribe, much like the one observed in the field. *Musa paradisiaca* was the species of greatest meaning for the community (ICS 120), followed by *Rosmarinum officinalis* (ICS 92), *Xerophyta plicata* (ICS 88), *Aspidosperma* sp. (ICS 84) and *Cymbopogon citratus* (ISC 80). The place of distinct prominence for non-native species of the area (exotic) evidences the importance that such species have acquired in the Xucuru culture.

Key words: Ethnobotany, indigenous, cultural significance, quantitative ethnobotany

Introdução

As plantas desempenham importante papel para a sobrevivência biológica das comunidades humanas, tradicionais ou não, embora o valor individual de cada espécie possa variar nos diferentes momentos de sua história; vários autores, como Prance et al. (1987) Phillips e Gentry (1993a e 1993b) e Rossato et al. (1999) têm procurado determinar o valor de uso de plantas empregadas por diferentes tribos do Brasil e outros países, obtendo dados sobre a relação dos indígenas e seu ambiente vegetal. Diferentes índices ou fórmulas têm sido empregados nestes estudos, como o índice de Significado Cultural proposto por Turner (1988), inicialmente destinado a auxiliar na análise da importância das plantas para uma comunidade indígena do Canadá. Este índice foi aprimorado por Stoffle et al. (1990), em trabalho com indígenas americanos, introduzindo, entre outros parâmetros, a contemporaneidade de uso. Numa análise crítica sobre o assunto, Phillips (1996) questiona o caráter subjetivo, presente nos vários métodos empregados nas pesquisas direcionadas ao estudo da importância cultural das plantas. Este autor considera que a técnica utilizada por Turner (1988) é subjetiva, por pré-estabelecer valores às plantas de acordo com a categoria de uso a que pertence, de um ponto de vista do pesquisador, não “admitindo ou permitindo” uma visão mais próxima da vivência da comunidade em estudo. Todavia, com as alterações propostas por Stoffle et al. (1990) nas variáveis que são consideradas para quantificação do valor das espécies para uma comunidade, este índice se mostra uma interessante ferramenta na avaliação e interpretação da importância das espécies vegetais para a sobrevivência biológica e cultural de uma comunidade.

Neste trabalho verificou-se a aplicabilidade do ISC das espécies vegetais utilizadas por tribos de índios brasileiros, particularmente os assentados na região Nordeste do país.

Material e Métodos

Escolheu-se para o presente estudo a tribo Xucuru, um dos sete grupos indígenas remanescentes de Pernambuco. A tribo, assentada no município de Pesqueira, encontra-se distribuída em 18 aldeias, num total de 4750 índios (PETI, 1993). Vivem em constante conflito, lutando pela demarcação das terras, próximo à cidade de Pesqueira, agreste pernambucano (PETI, 1993). Poucos membros da tribo têm uma área onde podem cultivar milho, feijão, banana e café (Hoffnagel, 1984).

A aldeia Pedra D'água, onde mora o cacique da tribo, localiza-se próxima à sede do município (Lat. 8° 21' 30" S e long. 36° 41' 45" W), que tem origem ao pé da Serra do Ororobá. A altitude, na sede do município atinge 855m e o clima da região é de transição entre quente e úmido (FIAM, 1994).

O trabalho de campo foi realizado durante cinco meses, em distintos ambientes: mata Pedra D'água (Floresta Estacional Perenifolia de Altitude e Posição) área de floresta úmida, dentro da zona semi-árida das Caatingas (Andrade-Lima, 1960), bem como quintais e roças situados próximos às casas da aldeia Pedra D'água.

Foram coletados exemplares das espécies citadas como úteis e registradas as informações sobre o uso destas espécies. Na aldeia, foram realizadas entrevistas informais com membros da tribo, onde se procurou obter o máximo de informações sobre cada planta, confirmando as obtidas em campo durante as coletas. Atuaram como informantes seis membros adultos da comunidade (3 mulheres e 3 homens).

Exemplares de cada espécie indicada como útil foram herborizados e identificados, com auxílio de material de literatura e de herbário. Os exemplares coletados em fase vegetativa foram quase todos identificados, pelo menos em nível de família. Após identificadas, as exsicatas foram enviadas a especialistas para confirmação da espécie. O material estudado foi incorporado ao herbário UFP, da Universidade Federal de Pernambuco (Recife-PE).

As espécies, de acordo com seus usos, foram enquadradas nas seguintes categorias: medicinal, construção, alimento do homem, alimento da terra, alimento de caça, tecnologia, místico religioso e outras (Silva, 1997).

Para cada espécie efetuou-se o cálculo do índice de significado cultural, seguindo-se a fórmula : $ISC = S(n + p) \cdot i \cdot e \cdot c$ (Stoffle et al., 1990). Foram considerados o número de usos (n) para uma proposta (p. ex. febre, dor de cabeça, combustível) e o número de partes (p) usadas para esta proposta; o valor de p variou de 1 a 7 conforme se a planta era usada inteira ou só em parte. Raiz, caule, folha, flor, fruto, semente e resina foram os elementos citados pela comunidade como produtos das plantas. No presente trabalho, introduziu-se no cálculo de índice de Stoffle et al. (1990) valores para indicar o número de partes/produtos totais originários de espécies arbóreas e herbáceas (flor, folha etc.), para que o porte da planta não interferisse no valor total das espécies. Assim, quando o informante indicou que herbácea inteira, esta teve o valor de $p=7$ que representa a soma de todas as partes usadas.

Determinou-se a intensidade de uso (i) da planta segundo Stoffle et al. (1990), com os seguintes valores: 5= espécie intencionalmente mantida; produção primária; comércio, 4= espécie de intenso uso; comércio, 3= espécie com intensidade média de uso; conhecimento sobre seu uso regular entre a comunidade, 2= espécie com baixa intensidade de uso; plantas

medicinais, 1 = espécie com mínima intensidade de uso; plantas medicinais menos conhecidas. A exclusividade de uso (e) recebeu valor = 2 quando a espécie era preferida, escolhida ou constitui um componente especial de uma proposta ou quando representava um dos diversos ou muitos recursos disponíveis para uma proposta; recebeu valor = 1 quando representava um dos diversos recursos. No aspecto contemporaneidade de uso (c), atribuiu-se valor 2 para as plantas correntemente usadas ou 1, para plantas não muito usadas na atualidade.

Com base neste índice, analisaram-se as espécies levantadas na mata Pedra D'Água, quintais e roças, agrupando inicialmente (grupo I) os táxons de acordo com os intervalos de classe heterogêneos utilizados por Turner (1988); em seguida, utilizando-se intervalos homogêneos, agrupou-se todas as espécies úteis (grupo II, intervalo = 25) ou apenas as nativas da região (grupo III, intervalo = 17). Estes intervalos de classe estão de acordo com os intervalos utilizados por Turner em 1988, porém a autora ao fazê-lo não deixou claro porque desta heterogeneidade de classes. Para os intervalos de classes II e III o grupo total de espécies foi dividido por 5 onde cada grupo representa um conjunto de 25 espécies (classe I) e 17 espécies (Classe II). Esta variabilidade no número de espécies ocorre porque na classe I estão todas as espécies e na classe II estão apenas as espécies nativas (em menor número) (Tabela 1). Estas diferentes tipos de ordenação nos permite observar o valor (alto, muito alto, baixo) que as espécies ocupam de acordo com a análise, se estão inseridas todas as espécies. Quando analisadas apenas as nativas observa-se um valor mais alto, enquanto que o conjunto todo das plantas, mostra que as introduzidas têm um lugar de destaque que deveria pertencer as nativas, se estas fossem o único recurso.

TABELA 1 – Classes de valores de significado cultural das plantas úteis para a tribo Xucuru (Pesqueira-PE)

Grupo	Classes de valores de ISC segundo os diferentes grupos				
	muito baixo	baixo	médio	alto	muito alto
I = nativas e exóticas (Turner, 1988)*	≥ 4	≥ 5 ≤ 19	≥ 20 ≤ 49	≥ 50 ≤ 99	≥ 100
II = nativas e exóticas**	≤ 25	≥ 26 ≤ 49	≥ 50 ≤ 74	≥ 75 ≤ 99	≥ 100
III = nativas**	≤ 17	≥ 18 ≤ 35	≥ 36 ≤ 53	≥ 54 ≤ 71	≥ 72

* Estes intervalos de classe estão de acordo com os intervalos utilizados por Turner em 1988, porém a autora ao fazê-lo não deixou claro porque desta heterogeneidade de classes.

** Para os intervalos de classes II e III o grupo total de espécies foi dividido por 5 (muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto) e aí inseridas as espécies de acordo com seus valores de ISC. Esta variabilidade no número de espécies ocorre porque na classe I estão todas as espécies e na classe II estão apenas as espécies nativas (em menor número). Esta diferenciação permitiu analisar o possível “lugar ou importância” das espécies para este grupo.

Resultados e Discussão

Dentre as espécies vegetais existentes na mata Pedra D'água e as exóticas cultivadas nos quintais e roças, 97 são consideradas úteis pelos Xucuru, como medicinais, alimentícias (alimento do homem, alimento da terra, alimento de caça), místicas/religiosas e empregadas ainda na tecnologia e construção. No total das espécies levantadas, 42,8% se enquadram em duas ou mais categorias de uso, como por exemplo, *Musa paradisiaca* (bananeira), de uso alimentício (alimento do homem), místico e tecnológico.

Concordando com o observado em outras comunidades humanas, a grande maioria das espécies úteis para os Xucuru tem significado cultural ou valor de uso baixo ou muito baixo. Valores de ISC mais elevados, foram atingidos por apenas 10,3% das espécies levantadas (Tabela 2), das quais 50% é nativa da

região, como por exemplo, canela de ema (*Xerophyta plicata*) e pitiá (*Aspidosperma* sp.).

TABELA 2 – Espécies vegetais úteis e seu índice de significado cultural para os índios Xucuru, de acordo com os diferentes intervalos de classe.

Espécies	ISC	Classes de valores de ISC de acordo com o conjunto de espécies		
		Este trabalho		Turner (1988)
		II - Todas	III - nativas	I - todas
<i>Musa paradisíaca</i> (Banana)	120	m. alt	-	m. alt
<i>Rosmarinum officinalis</i> (Alecrim)	92	alt	-	alt
<i>Xerophyta plicata</i> (Canela de Ema) –; <i>Aspidosperma</i> sp. (Pitiá)	88, 84	alt	m. alt	alt
<i>Cymbopogon citratus</i> (Capim santo)	80	alt	-	alt
<i>Anacardium occidentale</i> (Caju) – <i>Rourippa pumila</i> (Agrião)	64	med	-	alt
<i>Manilkara rufula</i> (Maçaranduba)	64	med	alt	alt
<i>Ruta graveolens</i> (Arruda)	60	méd	-	alt
<i>Phyllanthus niruri</i> (Quebra pedra) –; <i>Ocotea</i> sp. (Louro branco)	60	méd	alt	alt
<i>Artemisia</i> sp. (Anador)	56	méd	-	alt
<i>Cocos nucifera</i> (Coco)	52	méd	alt	alt
<i>Maprounea guanensis</i> (Pau leite)	52	méd	méd	alt
<i>Persea americana</i> (Abacate)	52	méd	-	alt
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Mororó); <i>Rourea</i> sp. (Café brabo branco); ? (Café brabo preto); <i>Phoradendron</i> sp (Exerço de passarinho); <i>Mimosa tenuiflora</i> (Jurema preta); <i>Psidium guajava</i> (Goiaba); <i>Passiflora edulis</i> (Maracujá); <i>Lantana camara</i> (Chumbinho)	48	bai	méd	méd
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Hortelã da folha grande); <i>Mentha</i> sp. (H. da folha miúda); <i>Mangifera indica</i> (Manga); <i>Coix lacrima-jobi</i> (lagrima de Nossa Se-nhora)	48	bai	-	méd
<i>Hyptis</i> sp. 2 (Alfazema de caboclo); ? (Louro preto)	44	bai	méd	méd
<i>Coffea arabica</i> (Café); <i>Phaseolus vulgaris</i> (Feijão); <i>Ocimum campechianum</i> (Alfavaca)	40	bai	-	méd

Continua...

O significado cultural das espécies botânicas entre indígenas de Pernambuco

...Continuação

<i>Zea mays</i> (Milho); <i>Machaerium</i> sp. (Chifre de bode); <i>Manihot esculenta</i> (Macaxeira); <i>Cloro-phora affinis</i> (Tatajuba); <i>Cnidoscylus phyllacanthus</i> (Urtiga branca); <i>Psidium araçá</i> (Araçá)	40	bai	méd	méd
<i>Miroxylum</i> sp. (Juduê); <i>Cupanis</i> sp. (Caboatã); <i>Inga</i> sp. (Ingá); <i>Cassia marthiana</i> (Canafístula de lajeiro)	36	bai	méd	méd
<i>Campomanesia</i> sp. (Batinga branca)	34	bai	bai	méd
<i>Allophylus</i> sp. (Estralador branco); <i>Asplenium formosum</i> (Avenca mirim); <i>Croton moritibensis</i> (Velame); <i>Tabebuia impetiginosa</i> (Pau d'arco roxo); <i>Microgramma vacciniifolia</i> (Salambaia); <i>Chiococca alba</i> (Caninana); <i>Phyllanthus clausenii</i> (Quebra pedra da mata); <i>Dalechampia scandens</i> (Tamarana); <i>Croton sonderianus</i> (Canelinha de caboclo)	32	bai	bai	méd
<i>Lippia alba</i> (Cidreira); <i>Eugenia malaccensis</i> (Jambo)	32	bai	-	méd
<i>Pisonia</i> sp. (Piranha branca)	28	bai	bai	méd
<i>Ocimum basilicum</i> (Manjeriçao)	28	bai	bai	méd
<i>Piresia leptophylla</i> (Acanfor remédio)	26	bai	bai	méd
<i>Copaifera</i> sp. (Pau doia); <i>Senna macranthera</i> (São João); <i>Zanthoxylum</i> sp. (Coentrinho); <i>Coutarea hexandra</i> (Quina quina); <i>Tocoyena formosa</i> (Jenipapo); ? (Mutamba branca); ? (Mutamba preta); <i>Merostachys</i> sp. (Japicanga branca)	24	m. bai	bai	méd
<i>Roupala</i> sp. (Orelha de onça); <i>Lippia microphylla</i> (alecrim de caboclo); <i>Maytenus ilicifolia</i> (Pau santo)	20	m. bai	bai	méd
<i>Mimosa</i> sp. (Jurema branca); <i>Pleurothallis rubeus</i> (Barba de são sim); ? (Rabo de papagaio); <i>Coussarea</i> sp. (Ta branco); <i>Panicum</i> sp. (Capim de frexa); ? (Crua pé branco); <i>Ficus</i> sp. (Gameleira); <i>Hipeastrum psittacinum</i> (Cebola branca)	16	m. bai	m. bai	bai
<i>Hyptis umbrosa</i> (Aleluia de serrote); <i>Casearia sylvestres</i> (Caiubim); <i>Myrcia</i> sp. 3 (Camboim); <i>Guarea guidonia</i> (Jitô); <i>Lundia cordata</i> (Cipó de vaqueiro)	12	m. bai	m. bai	bai
<i>Vitex rufescens</i> (Senhora vô)	10	m. bai	m. bai	bai

Continua...

...Continuação

<i>Croton argyrophylloides</i> (angolinha); <i>Rapanea</i> sp. (Pororoca); <i>Croton pulegioides</i> (Zabelê); <i>Miconia</i> sp. (Cinzeiro branco); <i>Hyptis</i> sp. 1 (Viçosa); <i>Myrcia</i> sp. 4 (Cinzeiro preto); <i>Smilax</i> sp. (Japicanga de espinho)	8	m. bai	m. bai	bai
<i>Myrcia</i> sp. 1 (Goiabinha); <i>Myrcia</i> sp. 2 (Guabiraba)	6	m. bai	m. bai	bai
<i>Cassia</i> sp. (Canafistula da mata); <i>Solanum</i> sp. (Pimenta braba); <i>Maytenus</i> sp. (Bom nome); ? (Espinho de cruz)	4	m. bai	m. bai	m. bai

O intervalo de classe I está de acordo com o intervalo utilizado por Turner em 1988, porém a autora ao fazê-lo não deixou claro porque desta heterogeneidade de classes. Os intervalos de classes II e III representam o conjunto de todas as espécies (classe II) e as espécies nativas (Classe III). O valor de ISC igual a 120 foi o parâmetro usado na produção do intervalo de classes usados em cada análise). Assim o mostramos é a variação de importância (alto, baixo, etc.) para cada espécie de acordo com a classe de valor que ocupa em cada cálculo.

Milliken et al. (1992) apontam as seguintes modificações pelas quais passa qualquer cultura, devido ao contato com outras civilizações: 1) uso de plantas exóticas; 2) descontinuidade de uso de espécies vegetais, como resultado de substituição de itens importados; 3) alteração de manejo de florestas; 4) perda de recursos vegetais por perda de terras; 5) perda de conhecimento tradicional por morte de idosos das comunidades sem o apropriado repasse de conhecimento aos mais jovens. Verificou-se que estes problemas ocorrem na comunidade Xucuru, que se encontra num avançado estágio de aculturação devido o intenso contato com outras culturas e ao desinteresse dos índios mais jovens em aprender e utilizar o conhecimento botânico tradicional.

O cálculo do índice de significado cultural mostrou que algumas espécies exóticas inseridas na cultura Xucuru, apresentam nos dias atuais um lugar de destaque incluindo-se entre aquelas que atingiram os mais altos valores de ISC (*Cymbopogon citratus*; *Rosmarinum officinalis*; *Xerophyta plicata* e *Musa paradisiaca*).

Observa-se uma elevada valorização de espécies vegetais procedentes da Europa e África, como por exemplo *Rosmarinum officinalis* (alecrim). Excluindo-se as espécies exóticas da lista de espécies úteis para os Xucuru, obteve-se um novo enquadramento das nativas, que foi interpretado como representativo do seu valor cultural em épocas anteriores à inclusão das exóticas.

O valor de ISC de cada espécie pode mudar com o tempo, conforme a situação em que se encontra a comunidade, por depender, além de outras variáveis, da intensidade da exclusividade de uso, pois segundo Turner (1988), a intensidade e exclusividade de uso de uma espécie, por exemplo, pode estar estreitamente relacionados à escassez alimentar ou ocorrência de epidemias.

Os valores de ISC encontrados por Stoffle et al. (1990), trabalhando junto aos indígenas americanos variaram entre 1 e 300, por sua vez, os valores encontrados por Turner (1988) para as plantas úteis para os grupos Thompson e Lilloet, variaram de 1 a 188, sendo encontradas espécies sem nenhum significado para o grupo. E entre os Xucuru, os valores de ISC variaram de 4 a 120, mesmo sem atribuir um valor de uso para uma determinada espécie, sua importância no ambiente é por eles reconhecida, pois o informante sempre afirmava que poderia ser um desconhecimento dele, considerando que, se a planta estava ali, deveria servir pra alguma coisa.

A utilização de remédios alopáticos pelos Xucuru tem causado a diminuição do uso de espécies medicinais e, conseqüentemente, a perda do conhecimento botânico; este fato pode explicar os baixos e médios valores de ISC encontrados para as espécies medicinais, quando comparados com os registrados por Turner (1988) e Stoffle et al. (1990) em suas áreas de estudo. Apesar do índice que atribui valores às plantas utilizadas para este fim, já serem um determinante para seus baixos valores. Um fato a se acrescentar entre os Xucuru é o

pouco conhecimento entre os indígenas sobre o uso de plantas medicinais. Assim três fatores, até o momento, parecem determinar os baixos valores das plantas medicinais: o uso de alopatia, o valor que as medicinais apresentam na variável intensidade de uso e o pequeno conhecimento sobre o uso das plantas pelos Xucuru.

Enquadrando-se os valores de ISC encontrados para as plantas utilizadas pelos Xucuru dentro das classes estabelecidas por Turner (1988), vê-se que enquanto na comunidade canadense as plantas têm em sua maioria significado médio ou alto para os Xucuru os significados apresentam-se médio a baixo ou muito baixo; adotando-se entretanto intervalos de classe homogêneos, diferentes dos estabelecidos por Turner (1988), os valores de ISC concentraram-se nas classes de significado cultural médio.

Apesar das diferenças observadas entre a posição das espécies nos diferentes grupos formados (Tabela 3), *Musa paradisiaca*, *Rosmarinum officinalis*, *Xerophyta plicata*, *Aspidosperma* sp., *Cymbopogon citratus* e *Anacardium occidentale* apresentaram-se sempre inseridas nas classes de valores alto ou muito alto, evidenciando serem atualmente as de maior significado cultural para os Xucuru. Já *Ruta graveolens*, *Phyllanthus* sp., *Manilkara rufula*, *Artemisia* sp., *Ocotea* sp., *Cocos nucifera*, *Maprounea* cf. *guianenses* e *Persea americana*, segundo as observações de campo, possuiriam um valor médio, para a tribo.

TABELA 3 – Número de espécies nativas e exóticas úteis para a tribo Xucuru em suas respectivas classes de valores.

Espécies	Classes de valores de significado cultural e número de espécies				
	Muito alto	Alto	Médio	Baixo	Muito baixo
Nativas	1	2	7	34	37
Exóticas	0	2	3	8	2

Musa paradisiaca é a espécie de maior importância atual entre os Xucuru, sendo o principal produto comercializado e fazendo parte da alimentação diária da tribo. Além disso está incluída na farmacopéia Xucuru, é fonte de material para confecção de artesanato e é empregada na confecção de vestimentas integrante do principal ritual religioso, o Toré.

Algumas espécies nativas, como *Phyllanthus* sp. e *Manilkara rufula*, provavelmente poderiam apresentar valor mais elevado de significado cultural, se não fossem consideradas as espécies exóticas, isto indica que de certo modo, o uso das nativas diminuem devido à uma maior disponibilidade de obtenção e cultivo das exóticas, como também ao seu desaparecimento ou menor disponibilidade na área.

Estabelecidos na região desde 1600, é provável que em épocas mais remotas os Xucuru possuísem um maior conhecimento sobre o uso de seu ambiente vegetal ou utilizassem as plantas de modo distinto do atual, apresentando as espécies nativas significado cultural mais elevado que o atualmente encontrado. O Bom nome (*Maytenus* sp.), por exemplo, quase desconhecido entre os Xucuru e apresenta poucos indivíduos na mata Pedra d'Água e adjacências; deste modo, apesar de reconhecida como um importante elemento na cura de problemas renais pelo sr. Adjar, porém obteve um ISC muito baixo (4). Bom nome é uma espécie bem conhecida no agreste pernambucano, além do seu potencial medicinal (Albuquerque e Andrade, 2002), é usada para pequenos trabalhos de carpintaria (Andrade-Lima, 1970).

Considerando os resultados obtidos, conclui-se que a avaliação do significado cultural das plantas através do índice proposto por Turner (1988) e Stoffle et al. (1990 e 1999) representa uma metodologia perfeitamente aplicável às comunidades tradicionais brasileiras; por indicar quantitativamente o valor de

importância das espécies vegetais, reflete o observado em campo e diminui a subjetividade da análise, inerente a cada pesquisador. Os valores de significado cultural obtidos empregando-se as fórmulas utilizadas por Turner (1988) e modificadas por Stoffle et al. (1990) confirmam o observado em campo, quanto à importância das espécies (Os valores ou a importância que cada espécie apresentou através de valores matemáticos, reflete a importância de cada uma quando avaliado apenas a partir da observação durante as entrevistas ou conversas com informantes). Evidenciam também a valorização das espécies não nativas em relação às nativas. O caráter de subjetividade apontado por Phillips (1996) não pode ser totalmente descartado, como também não é para outros índices que tratam de importância/valor de espécies vegetais. Todavia, esta subjetividade apontada por Phillips (1996) não influenciou fortemente nos resultados obtidos, pois demonstrou ser aplicado a uma comunidade tradicional bem distinta das estudadas por Turner (1988) e Stoffle et al. (1990). Contudo, importantes modificações serão apresentadas em artigo futuro onde a subjetividade, ao nosso ver é um elemento pouco significativo nos resultados finais, devido a uma nova abordagem na utilização do ISC, tornando o mesmo mais objetivo e agregando elementos do consenso do informante. Os resultados obtidos destacam as plantas de maior importância para a comunidade estudada, e podem servir de elementos de política de desenvolvimento sustentável ou uso de recursos de modo adequado, numa área onde boa parte da floresta ou mata foi derrubada para torna-se área de plantio de café ou de pastagem de gado. Além do que a variação de diferentes abordagens, entre as quais a quantificação e o teste de hipóteses ajudam a gerar informação de qualidade, as quais contribuem substancialmente para a conservação de recursos e desenvolvimento (Hoft et al., 1999).

Agradecimentos

Aos índios Xucuru, em especial ao sr. Adjar, ao WWF-Fundo mundial para a natureza e CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo financiamento do presente trabalho. Aos curadores dos herbários PEUFR, IPA e UFP, pelo auxílio na identificação do material botânico. Aos Drs. Geraldo Mariz, Ulysses Paulino de Albuquerque, Leonardo Félix, Iva Carneiro L. Barros, ao doutorando Marcus Vinícius Alves, pela confirmação de identificação do material botânico. Aos Drs. Nancy J. Turner, Brian Boom, G. T. Prance, Symon J. Mayo, pelas sugestões e bibliografia.

Referências Bibliográficas

Albuquerque, U. P.; Andrade, L. H. C. 2002. Uso de recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco. **Interciência**, **27** (7): 336-346.

Andrade-Lima, D. 1960. Tipos de floresta de Pernambuco. **Anais da Associação de Geógrafos Brasileiros**, **12**: 69-85.

Andrade-Lima, D. 1970. Recursos vegetais de Pernambuco. **Boletim de Instituto de Pesquisas Agronômicas**, **41**: 1-32.

FIAM. 1994. **Perfil municipal do interior de Pernambuco**. Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco, Recife, Brasil, 75 pp.

Hoffnagel, J. C. 1984. A situação das comunidades indígenas de Pernambuco. **Boletim do Núcleo de Estudos Indigenistas**, **3**: 6-13.

Hoft, M.; Barik, S. K.; Lykke, A. M. 1999. Quantitative ethnobotany: Applications of multivariate and statistical analyses in ethnobotany. **People and plants working paper 6**, 47 pp.

Milliken, W.; Miller, R. P.; Pollard, S. R.; Wandelli, E. V. I. 1992. **Ethnobotany of the Waimiri Atroari indians**. Royal Botanic Gardens, Kew, Londres, 146 pp.

PETI. 1993. **Atlas das terras indígenas do Nordeste**. Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil, 145 pp.

Phillips, O. L. 1996. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: Alexiades, M. (ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. The New York Botanical Garden, Bronx, USA, p. 171-197.

Phillips, O.; Gentry, A. H. 1993a. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, **47** (1): 15-32.

Phillips, O.; Gentry, A. H. 1993b. The useful plants of Tambopata, Peru: II. additional hypotheses testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, **47** (1): 33-43.

Prance, G. T.; Balée, W.; Boom, B. M.; Carneiro, R. L. 1987. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazônia. **Conservation Biology**, **1** (4): 296-310.

Rossato, S. C.; Leitão Filho, H.; Begossi, A. 1999. Ethnobotany of Caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany**, **53** (4): 387-395.

Silva, V. A. 1997. **Etnobotânica dos índios Xucuru com ênfase às espécies do brejo da Serra do Ororobá (Pesqueira-PE)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, 115 pp.

Stoffle, R. W.; Evans, M. J.; Olmsted, J. E. 1990. Calculating the cultural significance of american indian plants: Paiute and Shoshone ethnobotany at Yucca Mountain, Nevada. **American Anthropologist**, **92**: 416-432.

Turner, N. J. 1988. "The importance of a rose": evaluating the cultural significance of plants in Thompson and Lillooet interior Salish. **American Anthropologist**, **90**: 272-290.